

**BIBLIOTECA ESCOLAR E AMBULANTE: UMA PARCERIA EXITOSA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES**

**TRAVELING SCHOOL LIBRARY: A SUCCESSFUL PARTNERSHIP IN THE
TRAINING OF READERS**

**BIBLIOTECA ESCOLAR Y AMBULANTE: UNA EXITOSA COLABORACIÓN EN
LA FORMACIÓN DE**

SANTOS, Maria Eridan da Silva
mariaeridan@uern.br

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<https://orcid.org/0000-0001-9941-3531>

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa
mluciapsampaio@gmail.com

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<https://orcid.org/0000-0001-6589-9879>

BEZERRA, Keutre Gláudia da Conceição Soares
keutresoares@uern.br

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<https://orcid.org/0000-0003-2158-5063>

RESUMO Este artigo apresenta uma discussão sobre a mediação de leitura enquanto instrumento profícuo na formação de leitores nos anos iniciais da Educação Básica. Tem como objetivo analisar as atividades de formação leitora realizadas por meio da parceria entre o Programa de extensão universitária Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) e a biblioteca de uma escola pública da cidade de Pau dos Ferros/RN, na perspectiva de formar e autoformar leitores. A metodologia está pautada na abordagem qualitativa, usando o questionário e a entrevista coletiva como técnicas para gerar o *corpus* de análise, a partir do qual foi possível a construção do conhecimento. A análise dos dados revelou que a parceria entre o BALE e a biblioteca da escola trouxe mudanças significativas na relação das crianças com a leitura, que foram percebidas na família, na escola e no contexto social.

Palavras-chave: Mediação de leitura. Formação de leitores. Biblioteca.

ABSTRACT This article presents a discussion about reading mediation as a useful instrument in the training of readers in the early years of Basic Education. It aims to analyze reader training activities carried out through a partnership between the University Extension Program Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) and a public-school library with a view to training and self-training readers. The methodology is based on a qualitative approach, by using a collective interview and a

questionare as techniques to generate the analysis corpus from which it was possible to construct knowledge. Data analysis revealed that the partnership between BALE and the school library brought significant changes in children's relationship with reading, which were perceived in the family, at school and in the social context.

Keywords: Reading mediation. Reader training. Library.

RESUMEN Este artículo presenta una discusión sobre la mediación de lectura como instrumento provechoso en la formación de lectores en los años iniciales de la Educación Básica. Tiene como objetivo analizar las actividades de formación lectora realizadas a través de la asociación entre el Programa de extensión universitaria Biblioteca Ambulante y Literatura en las Escuelas (BALE) y la biblioteca de una escuela pública en la perspectiva de formar y autoformar lectores. La metodología está guiada por el abordaje cualitativo, utilizándose el cuestionario y la entrevista colectiva como técnicas para generar el corpus de análisis a partir del cual fue posible la construcción del conocimiento. El análisis de los datos obtenidos reveló que la asociación entre el BALE la biblioteca de la escuela trajo cambios significativos en la relación de los niños con la lectura, que fueron percibidas en la familia, en la escuela y en el contexto social.

Palabras clave: Mediación de lectura. Formación de lectores. Biblioteca.

1 INTRODUÇÃO

A mediação de leitura junto às bibliotecas vem se tornando uma prática necessária para a consecução do objetivo de formar leitores, especialmente nos anos iniciais da Educação Básica, quando os discentes estão começando o processo de formação sistematizada, aprendendo a se constituírem enquanto leitores em um mundo no qual ler com proficiência é uma condição básica para poder atuar de forma efetiva na sociedade.

Nesse sentido, consideramos a mediação de leitura como um aspecto fundamental na educação contemporânea, podendo existir uma parceria exitosa entre as bibliotecas escolares e as ambulantes, tendo como suporte, de modo especial, o texto literário. Atualmente, com a expansão da tecnologia e da *internet*, o acesso ao texto literário tem se ampliado cada vez mais, tanto que Chartier (2017, p. 20) se refere a existência atual de uma “[...] biblioteca sem muros dos escritos eletrônicos.” Com isso, o autor reflete que:

O sonho da biblioteca universal parece hoje mais próximo de tornar-se realidade do que nunca esteve, mais ainda do que na Alexandria dos Ptolomeus. A conversão digital das coleções existentes promete a construção de uma biblioteca sem muros, onde se poderia acessar todas as obras

escritas ou publicadas em algum momento e todos os escritos que constituem o patrimônio da humanidade (Chartier, 2017, p. 20).

Diante desse contexto, no qual os indivíduos podem ter acesso a um número infinito de produção literária, o presente artigo tem como objetivo analisar as atividades de formação leitora realizadas por meio da parceria entre o programa de extensão universitária Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) e a biblioteca de uma escola pública da cidade de Pau dos Ferros/RN, na perspectiva de formar e autoformar leitores. Partimos do pressuposto de que a parceria entre esses dois formatos de biblioteca podem potencializar a formação leitora dos discentes, já que atuam como ponte entre o texto literário e os leitores em potencial.

A investigação foi pautada na abordagem qualitativa, tendo como suporte para a geração dos dados de análise e a construção do conhecimento um questionário aplicado somente aos professore(a)s, bem como uma entrevista coletiva com professore(a)s, a bibliotecária e o(a)s aluno(a)s da escola que integram o projeto *Mirins leitores e grandes mediadores*. É válido salientar que, para o presente artigo, selecionamos os dados construídos através da entrevista coletiva.

O caminho metodológico também foi guiado pelos princípios éticos da pesquisa, por isso, buscamos preservar a identidade dos participantes, de modo a assegurar a integridade de cada um que colaborou com a geração dos dados. Para tanto, escolhemos pseudônimos com a finalidade de nomear cada colaborador(a) da pesquisa, que são identificados na análise dos dados com nomes de personagens ou obras da literatura.

O aporte teórico que guia o conhecimento elaborado nesta pesquisa conta com os estudos de Villard (1999); Chartier (2017); Sampaio (2010; 2012); Neves (2007); Bezerra (2013); Bezerra (2020); Santos (2016; 2022); Vygotsky (2000); Carvalho e Cavalcante (2022), entre outros trabalhos que subsidiaram o nosso entendimento dos temas imbricados neste estudo: a leitura, as bibliotecas ambulante e escolar e a mediação de leitura.

A partir das leituras e discussões favorecidas pelo referencial teórico apresentado, passamos a compreender o objeto de estudo, possibilitando assim a interpretação dos dados construídos no percurso da pesquisa com rigor e conhecimento científico. Com isso, visamos fortalecer a produção acadêmica sobre a



temática em pauta, contribuindo assim para a ampliação do referencial teórico de futuras pesquisas.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR E AMBULANTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES

*Ensinar a gostar de ler é exatamente isso: é ensinar a se emocionar com os sentidos e com a razão (porque para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola); e, para isso, é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, achar as pistas e **a retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz.***

Raquel Villardi (1999)

Convergindo com a ideia da autora de que ensinar a ler é ensinar a se emocionar, o Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), desde 2007, vem desenvolvendo um trabalho de leitura na perspectiva de ler com emoção, mas também com compreensão e significado. Para melhor entendermos essa experiência, é que analisamos neste artigo a parceria entre a Biblioteca de uma escola pública, situada na cidade de Pau dos Ferros/RN, e o BALE. Apresentamos, a princípio, um breve histórico do Programa com o intuito de esclarecer sua atuação na área da formação de leitores.

Trata-se de uma proposta elaborada como projeto de extensão por duas professoras que, no momento da elaboração no ano de 2007, atuavam como docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. A proposta extensiva surgiu e continua sendo vinculada ao Departamento de Educação, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Ensino/PPGE/UERN, tornando-se um programa de extensão no ano de 2012, com o objetivo de incentivo à leitura, mediante a criação de acervo bibliográfico e a constituição de uma Biblioteca Ambulante.

A exemplo de outras iniciativas existentes no país, as bibliotecas itinerantes trazem grande contribuição para a promoção das práticas de leitura no contexto sociocultural, possibilitando o acesso à informação por meio da leitura e da oferta de serviços de empréstimo de livros, além da realização de atividades como contação de histórias, teatro, roda de leitura, sarau poético, entre outras formas de mediação de

leitura.

Assim, o BALE, como biblioteca ambulante, vem desenvolvendo um papel social em cidades brasileiras e em outros países, como Portugal e Cabo Verde, nos quais o Programa efetuou oficinas de mediação de leitura, bem como apresentou experiências empreendidas na extensão universitária. De acordo com Neves (2007), por levar a literatura a lugares em que as pessoas não têm acesso a ela, as bibliotecas itinerantes podem ser consideradas como instrumentos de disseminação da informação em virtude das suas atividades, visto que são responsáveis por transportar a leitura a espaços onde os possíveis leitores estão.

Conforme Sampaio (2010), a ação da Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas objetiva estimular o gosto pela leitura com ludicidade e criatividade, favorecendo o alcance das comunidades mais carentes a textos de literatura, pois a pesquisadora supracitada enfatiza que muitas comunidades não tinham uma biblioteca, nem mesmo nas escolas, ou um espaço destinado à leitura. Por isso, o projeto de uma biblioteca ambulante foi muito bem recebido, tanto nas comunidades quanto nas escolas.

Reafirmando a discussão apresentada, Bezerra enfatiza que o programa BALE “[...] tem como desafio atender e formar leitores advindos das comunidades locais desprovidas de bens culturais favorecendo-lhes o contato com várias obras literárias, o que se constitui ponto de partida para a democratização da leitura” (Bezerra, 2013, p. 56). Buscando vencer esse desafio, o BALE começou levando a leitura para dois bairros da periferia da cidade de Pau dos Ferros, no interior do Rio Grande do Norte.

No decorrer de cada ano e a cada nova edição, a proposta foi ganhando uma dimensão muito grande, ampliando seu território de atendimento para outros bairros e outros municípios, e incluindo também a participação em escolas e eventos sociais. Com isso, ficou conhecida nacional e internacionalmente, através de trabalhos apresentados e publicados, além de oficinas desenvolvidas em eventos.

Para ilustrar o crescimento do BALE, podemos destacar alguns momentos de sua trajetória, dentre eles, quando foi contemplado com os seguintes editais: Edital do Banco do Nordeste do Brasil/BNB de cultura (2008 e 2009); Edital difusão da cultura Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte/FAPERN (2009); Troféu Viva Leitura (2008); Bolsa de Circulação Literária pela Fundação Nacional de

Arte/FUNARTE (2011). Ademais, em 2013, destacou-se com o projeto *BALE_CTI_EB – Entre Canteiros da Leitura e Produção*, concretizado em parceria com a FAPERN, o CNPq e a CAPES, com visibilidade pelo número significativo de bolsas conquistadas na edição (Bezerra, 2020).

Dada a abrangência das ações de mediação de leitura realizadas pelo BALE, o projeto foi transformado em Programa de Extensão em 2012, passando a desenvolver vários projetos, a saber: Projeto BALE Formação; Projeto BALE Net; Projeto BALE Em Cena; Projeto BALE Ponto de Leitura; e Projeto Cine BALE Musical. Com essa proposta, o Programa buscou ampliar as ações desenvolvidas e integrar as diversas artes em sua prática, com ênfase para as seguintes formas de artes: educacional; teatral; literária; musical; cinematográfica e digital.

Uma ação que merece destaque ao longo da trajetória do BALE é o projeto *Mirins leitores e grandes mediadores* (Sampaio, 2012), que possibilitou a parceria entre as bibliotecas escolar e ambulante e que continua sendo desenvolvido em uma escola da rede pública na cidade de Pau dos Ferros/RN. Essa escola, efetivando uma parceria com a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), participa de atividades de extensão, bem como de pesquisa e de ensino, através de programas como o BALE e o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), além de atuar como campo de pesquisa para monografias de graduação e pós-graduação.

Nesse sentido, o projeto *Mirins leitores e grandes mediadores* se tornou um diferencial na escola por ter como protagonista da mediação de leitura os discentes da própria instituição, oportunizando assim atividades de mediação de leitura nas quais as crianças participam enquanto mediadoras. Com isso, é feito um trabalho na perspectiva de autoformação do leitor literário em parceria com a Biblioteca Escolar, considerando também o trabalho da bibliotecária, enquanto mediadora de leitura. Sobre esse aspecto, Santos defende que:

O objetivo da biblioteca escolar é favorecer a formação do aluno. O bibliotecário escolar deve ser facilitador desse processo, um agente mobilizador de competências e habilidades leitoras do aluno, estabelecer parcerias e corresponsabilidades, estar disponível e ter tempo para o diálogo, entender que todo processo tem altos e baixos, estabelecer uma relação aberta, porém respeitosa com os alunos na biblioteca escolar para que eles possam: perguntar, ouvir e serem ouvidos, responder, fomentar a dúvida, contextualizar, explicitar contradições, fazer comparações, desenvolver habilidades, sem receitas prontas (Santos, 2016, p. 71).

Em outra pesquisa, a autora enfatiza que “[...] uma biblioteca escolar só terá sentido de existir, se nela for desenvolvida atividades que visem a formação leitora dos alunos, [...]” (Santos, 2022, p. 139). Com essa fala, Santos provoca a reflexão de que o espaço da biblioteca, para além de ser o lugar onde se organiza os livros, deve ser ainda o lugar no qual estes são verdadeiramente lidos. Para tanto, um caminho possível é a parceria com outros agentes sociais interessados em mediar a leitura, como a biblioteca ambulante do programa de extensão BALE.

Esse programa tem seguido uma trajetória de grande repercussão, dado seu caráter extensionista, com mais de 51 mil pessoas atendidas nos espaços escolares e não escolares (Bezerra, 2020), democratizando a leitura de textos literários e contribuindo para a compreensão da leitura enquanto prática social. De acordo com Sampaio (2010), precisamos ressaltar a importância da leitura como prática social e de cunho político. Nesse viés, ela argumenta que, ao promover interação entre indivíduos, a leitura literária ou não, favorece aos sujeitos interagir com o mundo de modo a exercerem a cidadania. Concordando com Sampaio, os autores Soares e Castro apontam que:

[...] o conteúdo de uma leitura precisa ser significativo para o leitor, fazendo o construir interpretações que promovam sentidos para sua existência, que auxiliem seu cotidiano e principalmente sua formação intelectual. Ao considerar a leitura uma prática social é preciso reconhecer que esta é uma habilidade presente no decorrer da vida, pois proporciona conhecimentos, valores e crenças que farão parte do cotidiano e que estabelecerão diálogo com a identidade do leitor (Soares; Castro, 2022, p. 5).

Consideramos, assim, que a leitura é sem dúvida um instrumento potencial para a vivência na sociedade, pois esta encontra-se em constante e acelerada mudança, exigindo de cada pessoa um comportamento mais ativo, dinâmico, criativo e tecnológico. Nessa perspectiva, enquanto prática social, a leitura se constitui como fonte de conhecimento da vida e para a vida.

Por essa ótica, a leitura nunca deve ser dissociada do cotidiano, visto que o leitor só se identifica com a prática de ler quando esta tem uma representação real na vida dele, quando faz sentido no seu contexto vivencial. Em outras palavras, quando é percebida e usada como um processo dinâmico que forma e informa, facilitando a vida do cidadão no meio social.

3 MOTIVANDO E TRANSFORMANDO VIDAS ATRAVÉS DA LEITURA

A efetivação da presente pesquisa permite uma discussão sobre a dinâmica de funcionalidade da Biblioteca escolar, envolvendo as atividades de mediação de leitura desenvolvidas neste espaço em parceria com o BALE, por ocasião do desenvolvimento do Projeto *Mirins leitores e grandes mediadores*. Sampaio aponta que esse é um subprojeto do BALE que tem a estratégia de motivar a leitura através da dinâmica: criança contando história para criança (Sampaio, 2012).

A proposta de formação de leitores no Programa BALE considera o texto literário como elemento intermediário da relação do leitor em potencial com o texto escrito, atuando como principal aspecto na mediação da leitura, a partir do pressuposto de Vygotsky, que considera a interação como um aspecto fundamental do desenvolvimento humano (Vygotsky, 2000). Sendo assim, ao interagir com os livros considerando a mediação de leitura proporcionada pela parceria entre a biblioteca ambulante e a escolar, as crianças constroem uma nova relação com a leitura, podendo tornarem-se pessoas leitoras.

Com base nesse pressuposto, as atividades de mediação de leitura efetivadas no contexto da parceria entre o BALE e a biblioteca escolar, tendo como protagonistas as crianças da escola na qual a biblioteca escolar está localizada, implicam uma prática de leitura com foco na ação dos leitores, posto que, assim como aborda Costas e Ferreira, “[...] É preciso redimensionar o agir-leitura, tornando-o cada vez mais ação, presença social, produção” (Costas; Ferreira, 2011, p. 209). Nesse sentido, ao agirem como mediadores de leitura, as crianças assimilam melhor a leitura de literatura como algo prazeroso e necessário, ao mesmo tempo em que revelam para as demais crianças essa descoberta.

Dessa forma, a relevância em discutir as práticas de mediação de leitura se justifica pelos resultados que a escola vem obtendo no que se refere à formação de leitores, pois, durante a efetivação da pesquisa, observamos diversas atividades de mediação de leitura que merecem ser analisadas, haja vista que são responsáveis pelo gosto e interesse por ler entre as crianças pesquisadas. Como essas práticas se dão é o ponto crucial da análise, a qual será feita à luz dos dados construídos com base nos seguintes momentos: as rodas de leituras, a contação e o reconto de



histórias e as histórias contadas por meio do teatro.

3.1 A leitura em roda

A roda de leitura é uma atividade frequente na Biblioteca escolar pesquisada, visto que trata-se de um momento muito dinâmico, em que quase todas as crianças querem ler, contar a história lida anteriormente ou até mesmo contar piadas ou declamar poesias. Configura-se, portanto, como uma estratégia que incentiva a criança a ler. No momento da roda de leitura, todos sentam ao redor de muitas obras espalhadas em um tapete no chão da biblioteca e cada um tem a liberdade de escolher o livro que gostaria de ler; depois de algum tempo, a bibliotecária coordena os trabalhos de mediação.

Essa atividade, ao ser inserida no cotidiano da escola, trouxe o potencial de ajudar a construir uma comunidade de leitores e escritores no espaço escolar, levando em consideração que as crianças têm múltiplas oportunidades de explorar novos livros, escolher as leituras, apreciar os efeitos que cada uma delas lhes traz, falar sobre as sensações, recomendar leituras e analisar as recomendações recebidas dos colegas a fim de seguir aquelas que parecem mais interessantes, desenvolvendo, ao longo do processo, gostos e preferências por obras, gêneros e autores, além de favorecer a cada leitor governar o próprio ritmo. Como diz Braggatto (1995), a leitura é governada por cada leitor de acordo com suas capacidades e oportunidades de leitura. Para o autor, atividades interativas, nesse caso da roda de leitura, abrem espaço para interrogações, em que a mediação ganha espaço e liberdade de expressão e interpretação.

Nessa perspectiva, a bibliotecária faz um acompanhamento muito importante durante a atividade. Na etapa final de cada leitura, ela traz indagações que estimulam a criatividade da criança e instigam o desenvolvimento do senso crítico e interpretativo sobre a leitura feita. São questões como as seguintes:

- “- De que vocês gostaram nesse livro?
- O que chamou sua atenção?
- O que aconteceu na história que podia ser diferente?
- De que você não gostou?
- Teve parte que você achou cansativa?
- Você leu todo o texto?
- Parou de ler? Em que parte isso aconteceu?



- Houve alguma coisa que causou espanto?
- Teve algo que você achou maravilhoso?
- Encontrou coisa que você nunca havia visto em um livro?
- Foi surpreendido com alguma coisa?
- Tudo ficou bem explicado?
- A primeira vez que você viu esse livro, antes de ler, como pensava que ele seria?
- Você já leu esse livro antes? (Se sim) Foi diferente dessa vez?
- O que você diria a seus amigos sobre esse livro?
- Há quanto tempo você acha que aconteceu essa história?
- De que fala essa história?
- Quais personagens você achou mais interessante?
- Em que lugar se passa a história?"

Toda essa intervenção feita pela bibliotecária vai ao encontro da discussão de Villardi (1999), quando o autor fala que ensinar a gostar de ler é, na verdade, ensinar a emocionar-se, a despertar os sentidos da leitura enxergando o que está implícito no texto, a considerar as sensações no leitor. Bem como salienta Perissé (2005), que valoriza muito as perguntas, nós somos seres perguntantes, e a cada pergunta, a busca por uma resposta nos leva a crescer e a despertar para querer descobrir e perguntar. Dessa forma, com o tempo, as crianças vão construindo uma autonomia maior para compartilhar as impressões sobre as leituras realizadas, assumindo com isso um protagonismo crescente na mediação de leitura.

Porém, vale ressaltar que a intervenção e o diálogo entre as obras e o leitor realizado pela bibliotecária nem sempre flui satisfatoriamente, pois, às vezes, nem toda criança quer falar, mas isso é visto pelas próprias crianças como um processo. Encontramos esse pressuposto na fala do colaborador da pesquisa que denominamos de Mágico de Oz, ao revelar na entrevista que é preciso um tempo para perder a vergonha de interagir e de mediar a leitura, como já aconteceu em momentos nos quais precisou fazer a mediação em outro espaço que não era na escola.

Observamos que as crianças se empolgam na hora de escolher o livro, e para tanto utilizam várias estratégias: uns escolhem pelo título, outros pelas ilustrações, outros ainda pelo tamanho do texto e muitos escolhem pelo tipo e tamanho de letra. Essa realidade vem reforçar a discussão de Matta (2009), quando diz que as atividades de mediação de leitura são atos de negociação entre material disponível, mediador e leitor.

Cabe destacar, de maneira informal, a fala do colaborador que nomeamos de Pequeno Príncipe, ao reafirmar que “[...] a roda de leitura é a hora da gente mostrar

que gosta de ler e motivar nossos colegas que ainda não tiveram coragem de ler pra nós” (Entrevista, 2022). Encontramos respaldo teórico para essa fala em Bragatto (1995), na afirmação de que cada um tem seu tempo, seu motivo e a leitura é uma correspondência não só com o livro, mas com o mundo interior.

Para Solé (1998), ler não é tão simples. A autora ainda afirma que ensinar a ler e a gostar de ler exige estratégias metodológicas dinâmicas e adequadas para mobilizar no leitor o interesse e o sentido de querer ler. Nesse contexto, uma fala marcante foi feita pela professora do 4º ano “B”, uma das entrevistadas na nossa pesquisa ao discorrer sobre as rodas de leitura. Segundo a colaboradora, nomeada pelo pseudônimo de Bela: *“No dia da roda de leitura, aquele que vinha mais arrepiado, com os tênis mais sujos, nesse dia vinha todo nos trinquês. Então até na higiene houve mudança, na frequência, no comportamento [...]”* (Entrevista, 2022).

Consideramos a roda de leitura uma estratégia produtiva para manter o leitor ativo, capaz de compreender o texto nas suas diferentes intenções e objetivos, bem como contribuir de forma determinante para a construção da autonomia leitora e, deste modo, formar leitores para toda a vida (Villardí, 1999). No entanto, existem outras estratégias que também são muito usadas e que são muito influentes na formação do leitor literário. Em seguida, analisaremos a contação e o relato de história.

3.2 Contando e recontando histórias

Entendemos que contar e recontar histórias tornou-se uma característica primordial do Programa BALE e da escola campo desta pesquisa, e com as práticas de mediação de leitura desenvolvidas na biblioteca escolar através do Projeto *Mirins leitores e grandes mediadores* (Sampaio, 2012), sob a mediação da bibliotecária escolar, essa estratégia também já conquistou a preferência dos alunos.

É interessante ouvir gritos como “eu quero contar”, “agora sou eu”, “é minha vez.” Essa realidade é reafirmada na fala da bibliotecária, nomeada com o pseudônimo de Sherazade, ao dizer que isso é vivenciado sempre que acontece a hora de contar e recontar histórias. Porém, sabemos que essa euforia não caracteriza 100% dos alunos. Existem aqueles que só ouvem, atenciosos, as histórias e, ainda,



aqueles que não conseguem se concentrar. Todavia, o importante é que a escola está mudando, avançando muito na formação de leitores, e essa afirmação está presente na fala de Sherazade quando menciona que:

“Existe uns alunos que são leitores, uns que são muito tímidos mas, aí eu fiz um trabalho mais individual e aí, de onde a gente não esperava começaram a contar histórias né? E agora o problema que eu vejo é outro, eu vejo o seguinte: São muitos os que querem contar histórias e as vezes não conseguimos atender a demanda” (Entrevista, 2022).

Durante a observação, ouvimos muitas contações e recontos nesse clima de entusiasmo e prazer dos alunos, mas também de recuos, de vergonha em participarem. Eis o que dizem as alunas colaboradoras que nomeamos com os pseudônimos de Cinderela e Branca de Neve, respectivamente:

“Eu quando pegava um livro tinha a maior vergonha de apresentar pra todo mundo, mas ai eu fui apresentar na UERN que era só nós leitores mirins que ficava lá no meio aliviados, que lia livros e ficava se fantasiando lá, a professora perto de mim e foi por isso que o BALE me ajudou, a mim incentivar a leitura, porque assim no meio de muita gente eu não conseguia ler” (Entrevista, 2022).

“Eu também quando era pra ler na frente de todos os meus colegas eu não ia por causa que muitas vezes eu já ia na onda e já ia vergonhosa de ler na frente de todo mundo e os meninos ficavam rindo e eu não lia. E um dia Sherazade me botou pra ler na frente de todo mundo, e os meninos mesmo achando graça eu consegui a ler o livro todinho” (Entrevista, 2022).

Em sua fala, Cinderela está tratando da visita que fez à sala do BALE, que foi um momento importante para os mirins leitores, expressando a satisfação em estar usando fantasias, um comportamento típico de criança. Entretanto, chama a nossa atenção quando ela frisa a presença da professora perto dela, é como se fosse uma motivação para si, deu-lhe mais segurança. Esse dia foi relevante para que a colaboradora percebesse que podia contar histórias e ler em público. A fala de Branca de Neve não é diferente da colega anterior, e isso oportuniza uma pequena amostra da realidade da escola e de como o trabalho de mediação de leitura pode contribuir para o crescimento leitor dos alunos na parceria entre a biblioteca escolar e a ambulante.

Nesse sentido, a Biblioteca escolar pesquisada, por meio das suas práticas de mediação de leitura, tornou-se, conforme diz Silva (2009), um espaço onde a leitura é tratada e restituída em seu sentido de formação cidadã, em seu sentido de construção de leitores permanentes e em seu sentido de prática social e também cultural.

Em conversa informal com a supervisora, que nomeamos com o pseudônimo

de Rapunzel, ela falou que considera a contação de história uma das melhores estratégias de leitura. Para a colaboradora, na hora da contação, a criança tem oportunidade de organizar as ideias em relação ao texto, e na hora do reconto, de estimular o seu poder de síntese, visto que, querendo ou não, quem narra sintetiza a história. Na entrevista, Rapunzel acrescentou que: *“A contação de história é uma prática que já vem se desenvolvendo semanalmente aqui na biblioteca, e eles já se sentem bem à vontade na contação de história. Não precisa nem você está pedindo silêncio”* (Entrevista, 2022).

Na entrevista, a bibliotecária Sherazade mencionou que considera importante quando um aluno ler ou conta uma história que os demais gostam, pois eles ficam já de olho naquele livro e muitos vão procurá-lo para ler. Em conversa, ela acrescenta que algumas obras tornam-se bastante disputadas entre os alunos e, em vista disso, uma mesma história acaba sendo contada várias vezes, por vários alunos.

Consideramos esse aspecto muito positivo porque é resultado da mediação, é um processo de autoformação e estímulo à leitura, no qual pode ser percebido gosto e preferências se definindo nas crianças, bem como a autonomia fluindo, enfim, é um processo de formação de leitores manifestado de várias formas. Na contação, precisamos gostar do que lemos e contamos, pois defendemos que contar e recontar história é uma arte de ser feliz, por isso avaliamos como um fator muito importante que a seleção das obras a serem lidas seja feita pelo próprio leitor.

Como podemos analisar, as práticas de mediação de leitura, realmente, estimulam a criança não só a ler, mas a sentir-se valorizada e a valorizar esse momento. A fala da professora é um reflexo de que as mudanças são diversas, em vários aspectos, inclusive de higiene. E pensar que, muitas vezes, não conseguimos perceber a influência da leitura na totalidade da vida humana.

3.3 A contação de história teatralizada

Contar história através do teatro é dar vida e movimento ao texto de forma a envolver emoções e sentimentos reais, um vez que, à medida que incorporamos um personagem, vivemos por alguns momentos seu drama. Ao mesmo tempo, o leitor em potencial é convidado a vivenciar as emoções do enredo junto aos personagens

que saem da história para dialogar com o público por uma nova via, que é a dramatização.

Nesse sentido, o Projeto *Mirins Leitores e Grandes Mediadores* tem como propósito desenvolver atividades de mediação de leitura de maneira prazerosa, objetivando que o público-alvo do projeto se envolva de forma curiosa e motivadora. Diante disso, a inclusão de leitura teatralizada veio fortalecer o vínculo da criança com a leitura. Isso fica claro na fala dos colaboradores envolvidos na pesquisa, ao se referirem às apresentações teatrais. Vejamos as falas abaixo:

“Gato de Botas: Eu quando eu fui pra Água Nova, quando nós fomos pra Água Nova, apresentar a peça só em falar que nós ia eu já ficava envergonhado em saber que nós ia apresentar pensando que eu ia ficar apresentando assim para uma escola todinha. Mas quando cheguei lá, o BALE incentivando o tempo todo na UERN cheguei lá todo pintado, a vergonha foi e aí eu apresentei” (Entrevista, 2022).

“Mágico de Oz: A primeira vez que eu fui apresentar ali na UERN aí que eu cheguei lá e vi monte de professora que foi da creche, aí eu perdi a vergonha de apresentar lá, aí nós só brincando assim pra se fantasiar pra não perder a graça, aí nós fumo fazer uma brincadeira que era imitar o galo, e dançar qualquer coisa, aí contou uma história que só tinha que imitar as coisas que ela ia dizendo [...] aí quando eu fui pra Água Nova, eu fiquei com vergonha na hora que eu ia subindo no palco para apresentar, aí na hora que foi a minha vez eu fiquei aperreado mas deu certo, eu falei tudo certo. E até hoje tou sem errar nada e sem vergonha” (Entrevista, 2022).

Percebemos, na fala dos alunos, que há uma satisfação por eles participarem dessa atividade e que houve a superação de medos e vergonha, cada um apresenta motivos distintos para essas situações. No caso de Gato de Botas, o aluno faz referência ao BALE como incentivador. Resta aqui sabermos que, na verdade, quem estava com ele eram as voluntárias e a bibliotecária que desenvolvem o Projeto *Mirins leitores e grandes mediadores*. Ele enfatiza a questão das fantasias de maneira muito positiva para o seu desempenho.

Já o colaborador Mágico de Oz apresenta como motivo de superar a vergonha o encontro com as professoras da creche. Há uma preocupação explícita sobre a questão de manter a ludicidade e a fantasia para não perder a graça, demonstrando uma certa ansiedade ao subir no palco pela primeira vez, mas, logo em seguida, vem a superação, pois se mantém firme e participativo.

É essa é a intenção das práticas de mediação de leitura: formar a criança de modo que se perceba um leitor para toda a vida – dinâmico e crítico. Para Silva (2009), a leitura caracteriza-se como um processo que facilita a participação do homem na sociedade, de forma que compreenda a sua história e viva-a de maneira



ativa criativa e reflexiva. Essa ideia é corroborada por Perissé (2005), ao acreditar que ler é transformar-se em poeta ao ler poesia, em filósofo ao ler filosofia, em pensador ao ler pensamentos, é inventar, criar metáforas, opinar e criticar.

Então, de acordo com as experiências de leitura teatralizada vividas pelos sujeitos pesquisados, podemos nos remeter a Baldi (2009), ao defender que a leitura de literatura é, sem dúvida, uma das formas de acesso e interação com outras referências, permitindo que os sujeitos possam sonhar e se aventurar de forma pensada, sem medo de se perder; enfim, que ela nos prepare para adentrar no mundo da curiosidade, da liberdade, do prazer e da aventura.

Precisamos de tudo isso para enriquecer nossa vida e nos mantermos leitores felizes, saudáveis e dispostos gradativamente mais a ler e contar história com a alma, dando vida a cada palavra e a cada gesto que o personagem exige. A biblioteca escolar faz um trabalho significativo, e os resultados desse trabalho estão na fala de cada criança e de cada profissional envolvido nas atividades de mediação de leitura literária na escola, como bem no dizer da bibliotecária e da supervisora numa conversa informal. Para elas, o difícil é dar conta da demanda de alunos que querem participar da atividade de teatro, todos querem representar, todos se mostram muito motivados e comprometidos com as leituras e os ensaios das peças, e o melhor momento que eles acham é na hora da caracterização do personagem, para as crianças é como viverem um conto de fadas.

Portanto, com base nas evidências e experiências vivenciadas, verificamos que as práticas de mediação de leitura propostas e desenvolvidas na biblioteca escolar objeto de pesquisa deste artigo em parceria com a biblioteca ambulante do BALE são motivadoras; e enfatizando a contação através do teatro, diríamos que essa forma de leitura mais concreta e encantadora, pois nela é tudo vida, graça, movimento, emoção e sentimento.

4 CONCLUSÃO

A leitura literária exerce o poder de aproximar as pessoas, desperta no aluno o desejo de frequentar a escola, mobiliza as capacidades de exercer a curiosidade e de buscar novos conhecimentos, mexe com o ego e o desejo de querer sempre mais, de

vivenciar outras aventuras através das histórias literárias, desperta para várias questões sobre o seu existir, o que somos e o que queremos vir a ser e viver.

A conversa travada entre o leitor e a literatura traz sempre a oportunidade de se refletir sobre valores postos em uma sociedade. De acordo Cosson, “a leitura literária nos oferece a liberdade de uma maneira tal que nenhum outro modo de ler poderia oferecer, pois a excelência da literatura é um modo único de experiência” (Cosson, 2014, p. 50).

Por intermédio da leitura, chegamos a compreender a transformação da realidade por nós vivida. Por esse motivo, acreditamos que o educador precisa mobilizar a prática leitora do aluno e suas capacidades, para tanto, a sensibilização é necessária a fim de que ele possa sentir-se e agir como sujeito ativo e construtor do seu próprio conhecimento.

Nesse sentido, a parceria exercida entre o BALE e a biblioteca escolar revela que é possível haver mudanças significativas na vida das pessoas, tanto na família quanto na sociedade, por meio da leitura literária, posto que, dependendo de como ela é tratada ou encaminhada, pode tornar-se uma atividade de vida, movimento e prazer, e assim desmistificar a ideia de que a leitura é uma ação enfadonha para o leitor, passando a ser tratada como uma motivação.

A mediação que é desenvolvida no Projeto *Mirins leitores e grandes mediadores*, através da parceria entre a biblioteca escolar e ambulante BALE, acontece de forma motivadora ao incentivar e levar alunos para vivenciarem a leitura espontânea, considerando seus interesses, curiosidades e necessidades, suas expectativas, desejos, criatividade e sonhos. É desafiadora essa parceria, mas ela abriu caminhos para novas histórias serem contadas e recontadas na vidas das crianças.

Consideramos essa experiência como um despertar para a consciência leitora da criança, já que se dá quando ela percebe e compreende a importância da leitura literária, e também quando consegue estabelecer relação entre a leitura literária e a influência que esta exerce no seu desenvolvimento intelectual, social, cultural e humano. Tal despertar acarreta mudanças significativas na afinidade das crianças com a leitura, perceptíveis nos ambientes familiar e escolar e em sociedade.

Portanto, socializar o êxito dessa parceria com a escrita deste artigo representa

uma oportunidade de compartilhar uma experiência de democratização da leitura literária que possibilitou a construção de conhecimentos sobre o processo de mediação de leitura e da formação e autoformação de leitores. Sendo assim, esperamos que essa parceria sirva de referência, exemplo e motivação para outras instituições educacionais que primam pela formação e autoformação leitora por meio da literatura.

DADOS DAS AUTORAS

MARIA ERIDAN DA SILVA SANTOS

Doutora em Letras pelo PPGL/UERN/IFPE, oficinaira, palestrante, conferencista na área das humanas e educação, artista plástica, escritora com quatro livros lançados. Professora efetiva da UERN/CAPF, pesquisadora do GEPPE, coordenadora do Projeto: BALE em cena, membro do Núcleo Docente Estruturante/NDE do Curso de Pedagogia e do Fórum Integrado de Ensino das Licenciaturas/ FIEL/UERN.

MARIA LÚCIA PESSOA SAMPAIO

Doutora em Educação no PPGED da UFRN. Pós-Doutoramento no Laboratoire d'Études Romanes, na Équipe de Linguistique des Langues Romanes na Université Paris 8, France. Professora aposentada do Departamento de Educação. Docente permanente do PPGE/UERN. Proponente/Idealizadora e Coordenadora Geral do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) de 2007 a 2018.

KEUTRE GLÁUDIA DA CONCEIÇÃO SOARES BEZERRA

Doutora e Mestre em Letras pelo PPGL/UERN, Professora permanente do Departamento de Educação, e do Programa de Pós-Graduação em Ensino PPGE/UERN. Membro do grupo de pesquisa GEPPE (Grupo de estudos e pesquisas em planejamento do processo ensino-aprendizagem). Coordenadora do NDE do Curso de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. *Estão Mortas as fadas?* Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2012.

BEZERRA, S. S. *Impactos educacionais em escolas públicas de Pau dos Ferros: um estudo sobre o Programa de extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas BALE*. 2013. 162p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2013.

BEZERRA, K. G. da C. S. *Expressão criativa e subjetividade na contação de histórias no programa biblioteca ambulante e literatura nas escolas-BALE*. 2020. 245p. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos

Ferros/RN, 2020.

COSTAS, F. A. T.; FERREIRA, L. S. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. *Revista Iberoamericana de Educación*. n. 55. p. 205-223, 2011. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie55a09.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

BRAGGATTO, F. *Pela leitura na escola de 1º grau*. São Paulo: ÁTICA, 1995.

COSSON, R. *Círculo de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

MATTA, R. S. da. *Português – linguagem e interação*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

NEVES, J. S.; LIMA, M. J.; BORGES, V. *Práticas de promoção de leituras nos países da OCDE*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE) 2007. Disponível em: www.gepac.gov.pt/gepac-oac/exteriores-04-pdf.aspx. Acesso em: 18 mai. 2020.

PERISSÉ, G. *Elogio da Leitura*. Ed. Barueri, São Paulo. Manole, 2005.

SAMPAIO, M. L. P. *Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE*. Pau dos Ferros, 2010.

SAMPAIO, M. L. P. *Projeto BALE: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas*. 6. ed. Pau dos Ferros/RN, 2012.

SANTOS, M. E. da S. *Mediar, Formar e Autoformar na Biblioteca Escolar e Ambulante: Análise de Ações que transformam*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros/RN, 2016.

SILVA, R. J. da. *Biblioteca escolar e a formação de leitores: o papel do mediador de leitura*. Londrina: EDUEL, 2009.

SOARES, A. P. K.; CASTRO, M. C. de. Reflexões e abordagens do ensino de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental e suas implicações para o fortalecimento cultural. *Atos de Pesquisa em Educação*, [S.l.], v. 17, n. 1, p. e9317, mar. 2022. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9317>. Acesso em: 11 dez. 2023.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VILLARDI, R. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

Recebido em: 28/04/2024
Aceito em: 17/09/2024